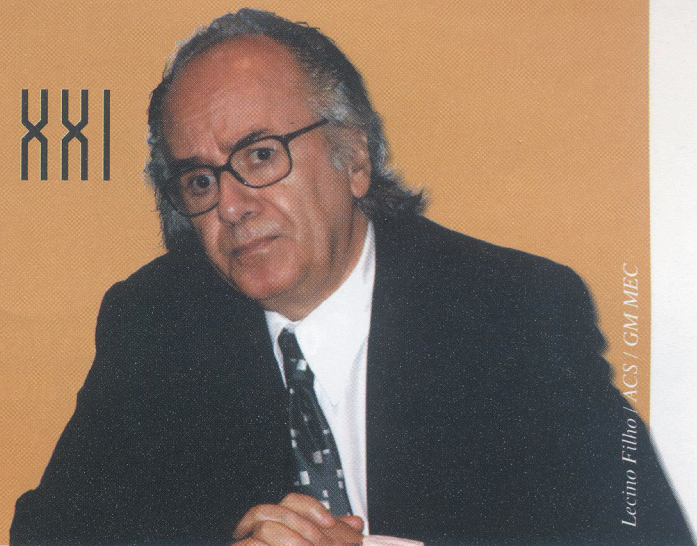


A extensão no século XXI

Luíza Mônica Assis Silva



Lecino Filho / ACS / GM MEC

Boaventura de Sousa Santos*, sociólogo português e professor Catedrático da Universidade de Coimbra¹ acredita que a Extensão tem um papel central na construção de uma nova concepção de universidade. Uma universidade onde o conhecimento científico dialoga com os saberes populares e se enriquece. Uma instituição afinada com um projeto de país construído de forma coletiva e democrática e na qual os cientistas-cidadãos são comprometidos com a resolução dos problemas nacionais. A entrevista a seguir foi concedida após a palestra “Universidade no Século XXI” promovida pelo Ministério da Educação para subsídio das discussões sobre a reforma universitária. Mais do que apresentar aspectos importantes da discussão sobre as mudanças na Universidade, Boaventura nos dá uma aula sobre extensão e ciência feita com compromisso social.

DIALOGOS – Como o senhor analisa a trajetória do conceito de extensão universitária?

BOAVENTURA – O conceito de Extensão foi criado quando a Universidade estava totalmente fechada sobre si própria, por isso se chama extensão de estender para fora. Neste conceito, transmite-se conhecimento à sociedade, mas não é enriquecido; não está implícita a idéia de que a extensão é uma forma de aprendizagem para a Universidade. Hoje estamos num período que eu designei como conhecimento pluriversitário e que exige uma contextualização muito maior na produção

“ Os contextos de extensão são sempre contextos onde se aprende. Não é apenas aplicação, é criação. ”

e aplicação do saber. Tem que haver uma interação muito mais profunda entre a universidade e os utilizadores deste conhecimento, que não tem de ser de maneira nenhuma apenas o mercado, os empresários ou a indústria, mas também os grupos sociais, as associações, municípios, grupos

*¹ Santos tem doutorado em Sociologia do Direito pela Universidade de Yale (1973), é professor visitante das universidades de Wisconsin-Madison, Universidade de São Paulo, Universidad de Los Andes e London School of Economics. Possui vários livros publicados, entre eles destacamos: Introdução a uma Ciência Pós-Moderna; Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade; A Crítica da Razão Indolente – Contra o Desperdício da Experiência.

de cidadãos etc. Isso vai obrigar enormemente a ampliar o conceito de extensão a tal ponto que ela deve deixar de ser um apêndice para ser uma das funções centrais da universidade.

DIALOGOS – Como é a proposta de extensão de uma nova universidade?

BOAVENTURA - A extensão que eu proponho é uma extensão ligada àquilo que eu designei por ecologia do saber em que a universidade se põe em contato com outros produtores do conhecimento – moradores de favelas, associações, organizações religiosas, grupos de samba, assentamentos do MST - que têm eles próprios o seu conhecimento prático, conhecimento leigo e popular que vão enriquecer o conhecimento científico. Portanto, vamos ter outros diálogos em que os conhecimentos têm que dialogar uns com os outros. Até agora o conhecimento científico não precisava argumentar com os outros conhecimentos, porque só ele era rigoroso, todos os outros eram ignorância. Ora, nesta forma de extensão combinada com a ecologia de saberes e com a pesquisa participativa, nós temos uma idéia de diálogo dos saberes.

DIALOGOS – Nas universidades brasileiras os profissionais da Extensão, muitas vezes, são desprestigiados pela comunidade acadêmica, inclusive como produtores de conhecimento científico. O senhor defende que uma nova concepção crítica de ciência deve-se utilizar das experiências locais, populares e da participação do pesquisador. O que é preciso para quebrar este paradigma, esta visão preconceituosa sobre a extensão universitária?

“ *O que também não estimula as idas para fora da sala de aula é a maneira como as instituições foram criadas, organizadas e são avaliadas. Hoje, nas universidades, os professores são, por vezes, sobrecarregados com tantas horas de sala de aula que realmente pouca disponibilidade lhes fica para fazerem extensão.* ”

BOAVENTURA - A Universidade sempre considerou que a formação e a pesquisa eram suas funções fundamentais e a extensão era algo relativamente apêndice e, portanto, sem dignidade e se a atividade é sem dignidade não tem dignidade quem a faz. Penso que isto está a mudar, algumas universidades são hoje muito orgulhosas do seu trabalho de extensão, porque viram que a aceitação social nas suas comunidades depende muito disso e a prazo isto vai contribuir para a dignificação dos profissionais. Obviamente este é processo muito lento. Isto é aquilo que eu designo como transição paradigmática, pode levar mais

que uma geração e tem haver com a organização institucional e com a avaliação.

DIALOGOS – Como é feita a produção do conhecimento científico na extensão?

BOAVENTURA - Os contextos de extensão são sempre contextos onde se aprende. Não é apenas aplicação é criação. Isto deve ser objeto de pesquisa e, portanto, deve ser um dar e um receber. Por outro lado, eu, ao fazer extensão, sou capaz de poder dar contextos mais globais que escapam eventualmente as pessoas da comunidade com quem trabalho. Isto também é uma forma de aprendizagem, de criar cidadania ativa, de criar condições para um exercício responsável da cidadania.

DIALOGOS - Estas afirmações certamente têm haver com sua experiência pessoal de produção científica. O que representou para o senhor morar numa favela carioca, vivenciando os problemas da comunidade para construir um modelo teórico?

BOAVENTURA – Em primeiro lugar, eu penso que foi muito importante, que a relação sujeito objeto - que era

uma relação fundante na ciência, mesmo na ciência social - fosse subvertida de alguma maneira. Aqueles objetos foram progressivamente sendo sujeitos do meu próprio processo de conhecimento, foram sendo amigos, pessoas que eu respeitei, pessoas que me ensinaram muitas coisas. Quando eu vos falo da ecologia do saber e de diálogos entre diferentes saberes tenho experiências muito concretas atrás de mim e uma delas a primeira, talvez, foi exatamente na favela, onde pude, de alguma maneira, discutir as formas de conhecimento que eu levava e que eram da sociologia até as formas de conhecimento que circulavam nas pessoas que ali viviam, nas suas vidas, nos habitantes mediante uma convivência muito forte e que tinha como centro a chamada resolução de litígios dentro da favela que era feita na associação de moradores. Nenhuma pessoa era jurista, advogada, no entanto decidiam-se casos muito semelhantes àqueles que se decidem nos tribunais através do conhecimento popular do que é justo e de como é que se deve decidir um caso que nos tribunais levaria muito tempo e que ali era decidido muito rapidamente entre os vizinhos, os habitantes da favela. Foi uma aprendizagem muito grande e que acabou por também condicionar a minha leitura epistemológica da ciência. Portanto, como uma ciência que não tem rigor absoluto, uma ciência que não é a única forma de conhecimento, uma ciência que deve ser objetiva, mas que não deve ser neutra, deve saber de que lado está, em termos sociais e políticos, para poder ser um contributo na construção da cidadania.

DIALOGOS - Alguns professores universitários têm resistência em deixar a sala de aula, desenvolver atividades complementares em projetos de cunho comunitário e que

tenham possibilidade de intervenção prática. Que conselho o senhor daria para esses professores?

BOAVENTURA - Estes professores são produto de sua própria formação, uma formação acadêmica que, muitas vezes, foi feita dentro de um marco positivista, ou seja, numa concepção da ciência como sendo a única forma de conhecimento rigoroso e válido e como tal esse conhecimento não tem nada que aprender fora da classe de aula e, acima de tudo, tem que ensinar na sala de aula. São professores que foram formados para ter um entendimento estreito de sua missão de formadores e, portanto, têm resistência a fazer tudo aquilo que vai além da sala de

“ Não podemos pôr a ciência aqui e a cidadania ali, de modo totalmente separado: aqui sou cientista, ali sou cidadão. Não, eu sou sempre cidadão e sempre cientista. E ser cidadão significa que ponho o meu conhecimento científico a serviço da resolução destes problemas nacionais que nós enfrentamos como país . ”

aula. O que também não estimula as idas para fora da sala de aula é a maneira como as instituições foram criadas, organizadas e são avaliadas. Hoje, nas universidades, os professores são, por vezes, sobrecarregados com tantas horas de sala de aula que realmente pouca disponibilidade lhes fica para fazerem algum trabalho fora de sala de aula. Portanto, há aqui um misto de falta de cultura de extensão, com falta de condições mínimas para realizar este trabalho de extensão.

DIALOGOS - E o caso dos alunos que cada vez mais exigem uma formação técnica que os qualifique profissionalmente para o mercado?

BOAVENTURA - Este é exatamente um dos desvios a que está sujeita a Universidade desde quinze, há vinte anos com o assalto neoliberal, aquilo que eu chamei de transnacionalização enquanto globalização neoliberal. Este processo fez com que a universidade ficasse cada vez mais sintonizada com as necessidades do mercado e, portanto, reduzisse sua responsabilidade social a suas responsabilidades para

com a indústria, para com o desenvolvimento econômico e tecnológico. A partir desse momento, a formação dos estudantes esteve basicamente vinculada às necessidades do mercado, o que é um problema altamente complexo, porque as necessidades do mercado são muito voláteis. Fala-se muito de mão-de-obra qualificada, mas este sistema atual para cada emprego qualificado que cria, cria cinco empregos não qualificados.

DIALOGOS – Então esta lógica dos alunos tem haver com a desvirtuação das universidades?

BOAVENTURA - Obviamente que a formação das universidades foi a formação para uma cultura geral também, para a cidadania, para os ideais de um pensamento livre. A universidade foi, até pouco tempo, a universidade pública, sobretudo, um espaço de debate livre e aberto onde as pessoas podiam ter as opiniões mais distintas possíveis sem que nada lhes acontecesse. As universidades privadas desvirtuaram um pouco isso, não lhes interessava o espaço público de pensamento crítico e de debate livre porque exatamente querem acabar com o pensamento crítico e pôr a universidade a serviço das necessidades de mercado. Mas isto é, ao meu entender, uma caricatura da universidade, é amordaçar a universidade.

DIALOGOS – Na sua opinião em que consiste o compromisso social da Universidade ?



BOAVENTURA - É um compromisso com um projeto de País, com um projeto de país que deve ser parte de um contrato político donde participam os cidadãos organizados não só através dos partidos, mas de outras formas de associação, naquilo que a gente chama a sociedade civil organizada e em que este país identifica os problemas e as soluções - as desigualdades sociais, a qualidade ambiental a qualidade de vida dos cidadãos - como parte de um grande projeto político que identifica problemas coletivos . Por exemplo, a pobreza é um problema coletivo ? Obviamente para o neoliberalismo não é um problema coletivo, não é um problema sequer, a pobreza é um produto desta forma de desenvolvimento, um desenvolvimento muito dinâmico e é perfeitamente natural que alguns ganhem e outros percam, pois isto faz parte do sistema. Portanto, quem tiver esta concepção não vê como um problema coletivo, como problema nacional a desigualdade social, pode entender como a solução: só os países desiguais é que crescem economicamente. É uma teoria que até teve alguma ocorrência recentemente com o neoliberalismo. Portanto, a universidade como parte de um projeto de um país está solidária com os problemas coletivos que são definidos pela sociedade e por um governo progressista. Está solidária com problemas coletivos que devem ser enfrentados por toda a sociedade. A luta contra o analfabetismo, a qualificação dos ensinos médios, o fim da discriminação racial, o fim da discriminação sexual etc. ,

são formas, são projetos políticos que identificam problemas nacionais e a universidade deve estar a serviço deles, deve formar professores com uma consciência cidadã, isto é, a ciência é uma forma de exercer a cidadania . Não podemos pôr a ciência aqui e a cidadania ali, de modo totalmente separado: aqui sou cientista, ali sou cidadão. Não, eu sou sempre cidadão e sempre cientista. E ser cidadão significa que ponho o meu conhecimento científico a serviço da resolução destes problemas nacionais que nós enfrentamos como país.

Boaventura e o Ministro da Educação Tarso Genro na Palestra Universidade Século XXI, promovida pelo Ministério da Educação